

# HeerA

Revista de História Econômica  
& Economia Regional Aplicada

**HeerA**  
História Econômica & Economia Regional Aplicada  
Vol.3 n.º.4 - Jan./Jun. - 2008



**4**

**Notas sobre a Teoria de Mercado segundo a visão de Adam Smith, Jean-Baptista Say, John Maynard Keynes, Friedrich Hayek e Joseph A. Schumpeter.**  
*Ligia Aparecida Inhan Matos.*

**O Fundo Público e as Relações entre Estado e Cidadania.**  
*Cezar Honorato.*

**Para além do ouro das Gerais: outros aspectos da economia mineira no setecentos.**  
*Fernando Gaudereto Lamas.*

**A instalação da Mercedes-Benz em Juiz de Fora: a história contada pela Tribuna de Minas.**  
*Cid da Oliva Bojelho Junior e Mônica Calderano.*

**Estrutura e dinâmica da indústria de Juiz de Fora no contexto da industrialização brasileira - 1930/1985.**  
*Ricardo Zimbrão Afonso de Paula.*

**A** *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* é uma publicação da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora, com periodicidade semestral. Seu objetivo imediato é a criação de um espaço formal de divulgação científica, dando a oportunidade a todos que têm na área seu objetivo de interesse para a publicação e divulgação de seus trabalhos. Por outro lado, a *Revista* constitui em sua própria concepção uma conotação interdisciplinar, indispensável ao aperfeiçoamento dos profissionais da área das Ciências Econômicas e História, além de outros ramos das Ciências Sociais em geral. Por fim, a continuidade e consolidação de pesquisa já realizadas, como é natural em qualquer processo de construção de conhecimento científico, depende da recriação e renovação contínua dos interesses de pesquisadores que venham trazer não apenas novas técnicas de estudo mas talvez principalmente novas abordagens e fontes de pesquisa.

**Para Falar Conosco:**  
(32) 3229 - 3532  
revista.heera@uff.edu.br  
F E A - U F J F  
ISSN 1980 - 0185



**Notas sobre a Teoria de Mercado segundo a visão de Adam Smith, Jean-Baptista Say, John Maynard Keynes, Friedrich Hayek e Joseph A. Schumpeter**

*Notes about the Market Theory according to the view of Adam Smith, Jean-Baptista Say, John Maynard Keynes, Friedrich Hayek and Joseph A. Schumpeter*

**Ligia Aparecida Inhan Matos**

Responsável pela Incubadora In Design. Colégio Técnico Universitário – UFJF. Graduação em Ciências Econômicas. Pós-Graduação em Tecnologia da Informação. Pós-Graduação em Design Gráfico

*Resumo:* Os três grandes agentes da Economia, o estado, o produtor e o consumidor são analisados a partir de olhares diferentes. Este artigo busca pinçar algumas idéias centrais dos autores a fim de desvendar o que é o mercado segundo a teoria econômica desenvolvida por eles. Adam Smith postula o homem econômico. Jean-Baptista Say segue o mesmo raciocínio de Smith. John Maynard Keynes percebe o distanciamento das teorias marginalistas e socialistas e busca empreender soluções para a agonia do capitalismo. Friedrich Hayek determina que o ser humano busca alcançar o benefício de si mesmo e do próximo e o estado se justificaria ao aumentar as oportunidades das pessoas em satisfazer suas necessidades. Enfim, Joseph A. Schumpeter desvenda o empreendedor como o indivíduo capaz de criar mercado e superar suas necessidades.

*Palavras-chave:* mercado; linhas de pensamento; história; economia; equilíbrio de mercado.

*Abstract:* The three great agents of the economy, the state, the producer and the consumer, are analyzed from different views. This article aims to highlight some core ideas of the authors in order to solve what is market according to the economic theory developed by them. Adam Smith postulates the economic man. Jean-Baptista Say follows the same Smith's reasoning. John Maynard Keynes perceives the distance from the marginalist and socialist theories and tries to undertake solutions to the capitalism agony. Friedrich Hayek determines that the human being tries to reach the benefit from himself and from the neighbor and the state would be justified at increase people's opportunities in satisfying their needs. Finally, Joseph A. Schumpeter solves the entrepreneur as the individual able to create market and to overcome his necessities.

*Key words:* market; thought lines; history; economy; market balance.

“A descoberta da economia foi uma revelação assombrosa, que apressou em muito a transformação da sociedade e o estabelecimento de um sistema de mercado” (Polanyi, 2000:146).

## **Introdução**

As diferentes linhas de pensamento abordadas aqui têm como objetivo a apresentação sucinta das observações desses autores sobre o mercado não julgando ou validando qualquer autor. A única abordagem mais extensa foi do economista Joseph A. Schumpeter. Isso se justifica porque nos pareceu singular sua percepção da sociedade e sobre suas relações econômicas, trazendo à tona um personagem único, na figura do empreendedor, que é capaz de movimentar e modificar o mercado e, até mesmo, de criá-lo.

A impermanência do mundo material se interpõe ao conceito puro e simples de que o mercado é um local onde os indivíduos trocam suas mercadorias por valor. Ao longo do desenvolvimento do capitalismo ele tornou-se complexo. Um número cada vez maior de indivíduos e indústrias necessita vender e comprar mercadorias a fim de obter lucro. Nessa nova configuração, o estado é convocado a participar dessa rede econômica para regular as relações entre os agentes econômicos nem sempre amigáveis.

Adam Smith, J.B. Say, Keynes, Hayek e Schumpeter tentam entender essas relações e qualificam o papel que cada um. Percebem as dinâmicas econômicas vigentes e dessa forma, fundamentam bases para a ciência econômica, criam seguidores e influenciam o mundo muito além do seu próprio ambiente de estudos. Assim, a importância do estudo mais aprofundado desses e de outros teóricos da economia permanece nos dias atuais.

## Adam Smith

Adam Smith (1723-1790) foi o primeiro economista a elaborar um modelo abstrato, completo e relativamente coerente da natureza, da estrutura e funcionamento do sistema capitalista. Percebeu a divisão das principais classes sociais e sua importância, os vários setores de produção, a distribuição de renda e riqueza, o comércio, a circulação da moeda, os processos de formação dos preços e o processo de crescimento econômico (Hunt, 1982).

Ele escreveu duas grandes obras na tentativa de compreender e discutir o regime vigente: a primeira *Teoria dos Sentimentos Morais (TSM)*, publicada em 1759 e a segunda *A Riqueza das Nações (RN)*, de 1776. Elas procuram justificar um sistema de liberdade natural, onde é possível que as próprias pessoas troquem o seu excedente pelo excedente do outro sem intervenção do Estado, em contraposição ao sistema mercantil existente à época (Ganem, 2005).

Smith afirmava que o contexto mercantilista facilitava a indolência, a preguiça e a tendência de enganar o público, bem como, proporcionava elevadas taxas de lucro em decorrência dos privilégios concedidos pelo Estado, incentivando o monopólio.

Essa situação levava os indivíduos à imprudência e aos particularismos, alimentados pela justiça parcial e tendenciosa, defendida pelos mercadores e fabricantes, para satisfazer sua ambição pelo lucro. A riqueza gerada nesse tipo de relação era individual e, *a priori*, não elevava a riqueza da nação (Mattos, 2005).

As pessoas de forma isolada procuram, por seus interesses, buscar o mercado a fim de satisfazer suas próprias necessidades, mesmo que dependentes das oscilações dos preços. Assim, um conjunto de pessoas é capaz de transformar esse livre intercâmbio em uma ordem social, onde a mercadoria é aceita como valor e o desejo do ganho abarcado por toda a sociedade (Ganem, 2005).

A idéia principal de Smith é propor um modelo de mercado como uma instituição, capaz de transformar o interesse individual em interesse social, sem a necessidade da

intervenção da “mão-invisível” do Estado. O seu papel é somente para garantir a ordem institucional e administrar a justiça, modelo mais conhecido por *Laissez-Faire* (Mattos, 2005).

O fato de Adam Smith ter tratado a riqueza material como campo de estudo, tornou possível a criação da Economia. Um otimismo contagiante parte do seu pensamento quando pressupõe que as leis naturais que regem o Universo também regeriam as leis humanas. A existência de um ser moral que busca atender a sua própria necessidade de forma pura e, mais propriamente, ingênua, determina a existência da “mão oculta” que rege o destino e a consciência de todos os participantes do mercado (Polanyi, 2000).

### **Jean-Baptista Say**

O pensamento de Adam Smith foi a principal preocupação de Jean-Baptista Say (1767-1832), a seu ver, o verdadeiro fundador da economia política. No início do século XIX, a França apresentava condições retardatárias de industrialização em relação ao desenvolvimento econômico da Inglaterra.

Essa situação foi ocasionada por anos de bloqueio continental de Napoleão e a retaliação da Inglaterra no controle dos mares, influenciando negativamente o comércio ultramarino desse país que necessitava de matérias-primas para sua indústria.

Em 1800, Say publica *Objet ou essai sur les moyens de réformer les mœurs d'une nation*. Valores como virtude e frugalidade são conciliadas com o aprendizado. A promoção da poupança, originada pelo consumo moderado, poderia ser canalizada na criação de novas riquezas, incentivando o surgimento das manufaturas e indústria.

Em decorrência do tumulto social devido à queda do *Ancien Regime*, acreditava-se na possibilidade de aplicar a mesma metodologia do estudo do corpo e da mente no universo social, a fim de tentar garantir um funcionamento mais justo e estável da sociedade e, em 1803, sob essas influências, publica *Traité d'Économie Politique (TEP)* (Arthmar, 2005).

Say também defende o livre comércio, embora para ele, não bastasse a definição pura e simples do mercado como um ambiente de troca, mas um local onde fosse propício para isso. Locais onde não houvesse renda, não haveria escoamento da produção industrial, ao passo que em um local onde houvesse trabalhadores, as oportunidades de negócios seriam multiplicadas.

De igual modo, ele chama a atenção para o mercado internacional encorajando um fluxo desimpedido de barreiras entre as fronteiras. A liberdade plena aduaneira possibilitaria às nações o escoamento de seus produtos, da mesma forma que uma cidade trocava seus bens com a cidade vizinha (Say *apud* Arthmar, 2005).

Defendia que o preço ou o valor de troca de qualquer mercadoria dependia do seu valor de uso ou utilidade, dado pelo uso que as pessoas fazem dela. O preço continuava sendo o valor de medida das coisas, mas o seu valor de utilidade era medido pela sua função (Hunt, 1982).

Para ele, o processo produtivo não era uma série de trabalhos humanos visando a transformação de matérias-primas em produtos, mais que isso, percebeu a existência de diferentes agentes de produção que se combinavam para produzir as mercadorias. Esses agentes eram divididos em “capacidade humana” que com ajuda do capital, dos agentes naturais e das propriedades promoviam a criação de um produto útil, fonte primária de valor.

Assim, ele defendeu que existia uma forte semelhança entre o trabalho e a posse. Da mesma forma que os trabalhadores conseguiam suas mercadorias com o sacrifício do seu próprio trabalho, os donos de produção também recebiam sua renda em troca de um trabalho semelhante. A renda auferida pelos sacrifícios envolvidos por trabalhadores e capitalistas seria totalmente justificada, pois cada um contribuiria com o que tinha para dispor.

Uma das teorias mais importantes apresentadas por Say foi a crença de que o mercado livre sempre se ajustaria automaticamente, equilibrando todos os recursos, inclusive o trabalho e a capacidade industrial “uma oferta cria uma procura da mesma magnitude”.

Say obteve sucesso com o TEP, principalmente nos Estados Unidos, como um popularizador das teorias do *Laissez-Faire*. Segundo Schumpeter (1964) a facilidade de leitura, ou sua superficialidade em relação RN de Adam Smith, foi o fator primordial para tal aceitação.

### **John Maynard Keynes**

Essa idéia de que não é possível haver uma superprodução geral ou depressão, foi amplamente discutida e combatida por John Maynard Keynes (1883-1946), entre outros economistas (Hunt, 1982).

Segundo Singer (1985), o pensamento econômico estava rigidamente dividido em duas correntes de pensamento ortodoxas consagradas. De um lado, estava a corrente marginalista<sup>1</sup>, baseada nos postulados de Adam Smith e de J.B. Say, desenvolvida pelos seus seguidores, onde o próprio mercado se auto-regulava proporcionando o retorno ao equilíbrio sem a intervenção do Estado.

Por outro lado, estavam os críticos do capitalismo, os marxistas, em busca das suas contradições inevitáveis, que estavam sendo comprovadas pelas intermináveis crises do capitalismo, cada vez mais freqüentes e profundas, o que levava a crer na sua queda eminente que levaria a uma troca natural e necessária por um outro regime mais justo e eficiente.

Na medida em que foi se alterando o capitalismo no fim do século XIX, o marginalismo foi se afastando da realidade nas suas análises econômicas em decorrência do agravamento do mercado monopolista, contrariando os modelos de concorrência perfeita.

Quando ocorreu a Primeira Guerra Mundial, os países envolvidos tiveram que intervir na economia de forma emergencial, deixando de lado o *Laissez-faire* em troca de um planejamento centralizado. Após esse fato, houve a tentativa de restabelecer o

---

<sup>1</sup> Marginalista: teoria que se baseia a ortodoxia econômica empreendida por Sênior, Jevons e Walras na tentativa de respaldar cientificamente os fundamentos da teoria econômica, transformando-a em uma ciência exata (MAZZUCHELLI, Frederico. Senior, Jevons e Walras: a construção da ortodoxia econômica. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 12, n. 1 (20), p. 137-146, jan./jun. 2003).



liberalismo, contudo, na década de 1930, a grande depressão provocou novas distorções aparentemente sem solução e se estendeu até a década seguinte.

Por esta época, Keynes já era um professor consagrado tanto no campo teórico quanto no político. Protegido de Alfred Marshall, importante figura no meio da ortodoxia marginalista, procurou entender porque essas teses levavam à resultados irrelevantes (Singer, 1985).

Em 1926, Keynes publica *The End of Laissez-Faire*. Nesse artigo ele desenvolve o tema afirmando que os interesses individuais não se conciliam, de fato, com os sociais. Logo, os principais problemas econômicos sócio-políticos decorrem do risco, da incerteza e da ignorância (Ferrari Filho, 2005).

Ao contrário dos postulados de J.B. Say, que acredita jamais haver a superprodução, Keynes, observando a realidade a sua volta, elaborou o livro *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda (TGE)*, em 1936.

Para ele é possível receber dinheiro sem o gastar imediatamente a fim de poupá-lo para eventuais contratemplos mercadológicos (Singer, 1985), isso leva a uma retenção por parte dos investidores, explicando, enfim, a dinâmica da explosão econômica em que passavam os países capitalistas.

Não existe a convergência entre o interesse individual e o social, nem uma liberdade natural das atividades econômicas. A realidade demonstrava que não existe um contrato conferindo direitos perpétuos a quem quer que seja, nem o mundo material é governado pela Providência em favor do interesse particular e social.

E mais: os mercados livres geram conflitos de interesse e não conseguem equacionar os intrincados males da sociedade, seja o pleno emprego ou a distribuição da riqueza e da renda. Keynes critica asperamente a doutrina e política do *laissez-faire*, pois as considera totalmente inoportuna para o questionamento e solução dos problemas econômicos e sociais, principalmente no que se refere ao desemprego.

Para ele, a interferência do Estado se justifica pelo fato de que o sistema capitalista é intrinsecamente instável, marcado pelos conflitos dos desejos do indivíduo e da sociedade (Garlipp, 2006).

Mais do que explicar o fenômeno da desgraça, engendrou soluções: com a preocupação de ordem prática, elaborou um conjunto de teorias onde o Estado assume um papel importante como interventor da atividade produtiva, passa a ser uma “mão visível”. Torna-se promotor de políticas públicas, a fim de criar mecanismos que propiciem um ambiente seguro e favorável às tomadas de decisões dos agentes econômicos (Ferrari Filho, 2005).

Keynes, em decorrência disso, foi um “divisor de águas” do modelo econômico capitalista, provocando uma revolução de conceito da economia e da prática do mercado (Ferrari Filho, 2005), surgindo daí o capitalismo administrado ou liberal socialismo.

Conforme Dillard, (1989), nenhum outro livro publicado no século XX tornou-se tão polêmico e influenciador do pensamento dos economistas profissionais e autores da política durante seus 12 primeiros anos de publicação. Ele o compara por um lado, ao livro Riqueza das Nações, de Adam Smith, tão criticado por Keynes, porque lançou anátema sobre seu modelo econômico mercantilista e por outro, ao livro O Capital, de Karl Marx, lançado no fim do século XIX, com sua crítica contumaz ao capitalismo. Os três obtiveram o mesmo impacto nas suas respectivas épocas.

## Friedrich Hayek

Keynes foi contemporâneo de uma outra importante figura da economia: Friedrich Hayek (1899-1992). Keynes discutiu temas relacionados à economia, durante nada menos do que 20 anos, tornando-se amigos e também debatedores (Butlher, 1987).

Hayek acreditava que o homem é livre e ignorante e por isso imprevisível e indeterminado. Esse fato abre uma imensa gama de possibilidades para determinar suas escolhas. Se o mundo é complexo por causa da imensa variedade de informações, é necessário desenvolver a humildade e perceber a própria limitação, pois não há como abarcar o conhecimento existente em uma só pessoa, nem o conhecimento é totalmente desvelado (Ganem, 2005).

Em meio a II Guerra Mundial, Hayek escreveu *Scientism and the Study of Society*, além de outros ensaios sobre a supervalorização dos métodos científicos nos estudos sociais. Outra importante publicação foi *O Caminho da Servidão*, em 1944, com a finalidade de alertar sobre as idéias utópicas socialistas da época. Apesar de ter sido influenciado pelo pensamento socialista moderado, optou por elaborar para si mesmo os fundamentos da livre sociedade (Butlher, 1987).

Os conceitos desenvolvidos por Hayek se aplicam a sua teoria do mercado. A teoria é uma forma superior de encontro em paz de homens com valores e finalidades diferentes, em benefício de si mesmo e do próximo. As transações econômicas são conduzidas de acordo com a propriedade e o contrato e, nesse intercâmbio, encontra-se um padrão geral que não é planejado conscientemente.

Mesmo que haja diferenças maiores de necessidades que teriam que ser supridas entre os agentes econômicos, todos tenderiam a ganhar. Quanto maior a diferença, melhor para aqueles que efetuam a troca.

Mesmo dentro desse sistema, contudo, deveria haver um conhecimento explícito da aceitação das normas da propriedade e venda mediante o consentimento. Assim, a

própria economia estabeleceria a interdependência entre os países, facilitando o intercâmbio pela rede de relações estabelecidas pelo mercado.

Uma direção ou controle político só é admitido no intuito de aumentar as chances para que mais pessoas possam satisfazer seus propósitos de consumo, tratando a todos com igualdade. Essa proposta é justificada simplesmente porque não é possível conhecer as necessidades de mudança individuais, nem como melhor atendê-las no momento apropriado.

Hayek comparava o mercado como um jogo onde os jogadores estão aptos para jogar, mas não conhecem de fato se irão vencer. O fato de desconhecer o resultado implica em um maior interesse em jogá-lo. Apesar de ter uma enormidade de “jogadores” envolvidos nesse sistema sem se conhecerem, existe uma rede de comunicações para quem quiser participar e o que determina a recompensa é justamente o preço da mercadoria.

No entanto, a visão tradicional de competição perfeita, de mercado perfeito, de equilíbrio perfeito, é combatida por ele. O estudo da economia é justamente para perceber como são feitos os ajustes das mudanças. A troca de informação entre os agentes econômicos possibilitaria um conhecimento maior, mas não integral, dos fatores que influenciam o mercado.

A quantidade e o preço de um determinado produto só são conhecidos depois da troca de informações dos diversos fornecedores, bem como a tendência e a necessidade do consumidor na ocasião da troca. Não há como garantir se o consumidor comprará uma mercadoria sem antes tê-la apresentado a ele.

Outro fator importante nessa discussão para Hayek é a atividade competitiva. A demanda para descobrir as tendências do consumidor no sistema de mercado e as várias combinações entre os insumos promove a queda dos custos do produto final. A economia livre está em constante modificação, por isso as soluções engendradas devem estar sempre se modificando (Butlher, 1987).

## Joseph A. Schumpeter

Assim como Hayek, outro importante economista que conheceu Keynes foi Joseph A. Schumpeter (1883-1950). Contudo, Schumpeter não desenvolveu nenhum tipo de relação pessoal, nem profissional com Keynes, mesmo quando o primeiro foi correspondente da *Economic Journal* da Áustria, a partir de 1920. Mas isso não impediu que o descrevesse como uma mente brilhante no seu livro *Diez Grandes Economistas*, de 1955.

Para Schumpeter, tanto a História como a Teoria pura são admiráveis, por isso seus livros abordam uma gama enorme de assuntos relacionados à Economia e à Sociologia (Schumpeter, 1955).

A principal obra *Teoria do Desenvolvimento Econômico (TDE)*, publicada em 1911, na Alemanha, foi escrita quando ainda era jovem. De longe, essa é a obra mais conhecida e citada do autor (Szmerecsdnyi, 2002).

Para Schumpeter (1961), o mercado é definido pela atitude das pessoas, ou agentes econômicos, que além de serem consumidoras e desenvolverem muitos outros afazeres, priorizam a ação econômica como sua principal atividade, pela aquisição de bens através da troca ou da sua produção.

Esses agentes econômicos percebem a quantidade de bens a serem produzidas pela experiência adquirida no passado e, na maioria das vezes, não se distancia desse número a não ser quando ocorre alguma oscilação no consumo no presente. Isso leva a crer que um conjunto de agentes e consumidores também estabelece da mesma maneira, seu consumo e sua produção, criando uma rede de conexões entre eles. Assim, todos sobrevivem com o que foi produzido em um período de tempo anterior.

Essa atividade desenvolvida pelos agentes é tão lógica e racional, que mesmo sem experiência anterior do consumo e tendo a vontade de vender um produto um indivíduo procuraria, pelo esforço próprio e consciente, um meio de fazê-lo. Assim, a atividade

econômica é determinada para satisfazer as necessidades, tanto dos consumidores, quanto dos produtores, por qualquer razão, mesmo que seja espiritual.

Esse processo, chamado pelo autor de fluxo circulatório dos períodos econômicos, segue um curso relativamente estável. Cada nova etapa, quando não alteram de modo significativo os elementos já conhecidos, estabelece conexões econômicas e sociais das quais ninguém se liberta facilmente. Por essa ótica, os meios e os métodos de produção estão definidos.

De igual modo, um agente econômico pode consumir parte de sua produção para auto-sustento, assim todos os outros também o fazem, tornando-se vendedores e consumidores simultaneamente. O lucro então, é determinado pela quantidade de bens consumida. Conclui-se daí que esse fluxo é fechado, pois existe sempre uma procura à espera de um suprimento e cada parte desse sistema pode ser suprida por mercadorias que foram produzidas anteriormente<sup>2</sup>.

Outro aspecto importante é o aspecto físico e social como centro da produção, a finalidade concreta do ato produtivo. A produção em si mesma é um problema econômico, pois ela está condicionada às propriedades físicas dos objetos materiais e aos processos naturais.

Quando se refere às questões técnicas da produção, existem fatores econômicos que influenciam os processos produtivos. Algumas vezes, surge a necessidade de desenvolvimento tecnológico percebida pelo setor técnico de uma indústria que a tornarão mais eficaz. Mas, quando confrontados pelo agente econômico, eles não são substituídos por outros mais modernos pelo simples fato de que são mais caros, mesmo que seja para e aumentar a eficiência produtiva.

Se para o técnico é conveniente trocar o modo de produção para uma forma mais eficiente, para o diretor comercial os recursos que seriam empregados nesse sentido poderiam ser aplicados em outros setores. Além disso, a satisfação seria reduzida por essa alteração. Se a satisfação das necessidades é o único objetivo da produção, não há

---

<sup>2</sup> Esse conceito já foi abordado acima por Adam Smith e por isso o autor chama a atenção para usá-lo com cautela (Schumpeter, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961).

sentido em investir em uma forma mais produtiva. Conclui que a conveniência regula a produção econômica e a técnica.

Isso é perfeitamente demonstrado quando observamos homens utilizando britadeiras e outros, ao seu lado, usando picaretas para solucionarem o mesmo problema em um esgoto de rua<sup>3</sup>.

Para o autor, considerando essas duas condicionantes do processo produtivo, ele não cria nada, o que existe de fato é uma combinação entre objetos e processos, ou força, sempre em busca da satisfação da necessidade.

Outro conceito importante para sua teoria é a distinção entre objetos e força. Entende-se por objetos todas as espécies de coisas materiais e imateriais e por forças produtivas a mão-de-obra que trabalha para produzir um bem qualquer. Todos os bens consistem em pelo menos um deles ou de ambos.

Schumpeter desenvolve o tema de forma a explicar como um agente econômico é capaz de quebrar o ciclo econômico fechado e conseguir o desenvolvimento da economia. Assim, o fator trabalho assume relevância sobre o objeto.

O trabalho é subdividido em função administrativa ou chefia e na função daquele que é dirigido. Dirigir e supervisionar eleva a função acima de qualquer outra modalidade. A direção abarca a criatividade e a atribuição de finalidades próprias. Mesmo a categoria do trabalhador autônomo que produz por conta própria e também executa, é um diretor e operário ao mesmo tempo.

Contudo, a necessidade de dirigir está presente em qualquer função. Qualquer pessoa, no seu ambiente de trabalho, exerce determinadas escolhas restritas a sua atividade e as toma em relação ao seu conhecimento e a sua experiência. Assim, o diretor não tem, *a priori*, nada de exclusivo em relação às outras profissões. O que diferencia as classes de trabalho é justamente a quantidade de deliberações que cada um

---

<sup>3</sup> Mesmo como Estado, em que lhe pese como uma das suas funções tapar buracos, deveria buscar a eficiência dos seus meios de produção e, nesse caso, de serviços.

tem que tomar. Tanto o diretor quanto o trabalhador autônomo, reagem da mesma forma diante de uma mudança repentina dos dados do mercado.

Embora a economia cresça devido ao aumento da população e da riqueza, não promove qualitativamente quaisquer fenômenos novos, mas processos de adaptação. O surgimento do empreendedor como fator operante de transformações de uma situação estável e cômoda para uma situação diferente, fica evidente e provoca o que Schumpeter denominou de desenvolvimento econômico. A função empreendedora não surge de fora para dentro do fluxo, mas internamente.

O que o empreendedor faz é controlar os meios de produção, ao combinar de forma diferente os objetos e forças produtivas existentes no mercado, originando uma inovação. A forma como emprega tais recursos pode ser assim entendida: quando cria algo novo ou com uma nova qualidade; quando adota um novo método de produção; quando conquista uma nova fonte de suprimento de matérias-primas ou semi-industrializadas e quando executa uma nova organização de qualquer indústria. Dessa maneira, ele altera as configurações do equilíbrio no consumo e passa a provocar necessidades.

Para conseguir obter a ruptura do sistema estável e equilibrado ele necessita de iniciativa, autoridade e previsão das situações, em oposição à característica do diretor ou de um administrador tradicional. Passar fora dos limites do mercado distingue-o como líder. Aprende a conhecer o seu ambiente social e natural e com isso obtêm o controle dos fatos (Schumpeter, 1961).

A segunda obra mais importante que desenvolve o pensamento da TDE é *Business Cycles*, de 1939, mudando seu enfoque de empresário inovador para processo inovador. Em 1942, publica *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, onde se refere muito pouco à inovação. Depois desses, publicou vários ensaios e artigos sobre o tema. Um outro livro não menos importante e publicado postumamente, em 1954, é *História da Análise Econômica*, incluindo no rol de agentes da inovação tecnológica o próprio Estado (Szmerecsdnyi, 2002).



Apesar do volumoso repertório de publicações, a relevância desse autor só veio ser destacada nas duas últimas décadas, por se tratarem da explicação para as mudanças tecnológicas, econômicas e sociais atuais, principalmente no que se refere à inovação (Fuck, 2004).

### **Considerações finais**

As diferentes linhas de pensamento abordadas neste artigo podem servir para uma reflexão inicial sobre o foco de cada um. Na era da informação tal qual hoje, o que mais nos chama a atenção é o fato desses autores terem percebido ações e reações humanas relacionadas à atividade econômica sob uma ótica diversa, a ponto de poderem modificar a sociedade, mesmo depois de muitos anos após a publicação de suas idéias.

Se se chega a um acordo sobre uma definição do mercado é aquela estabelecida como um ambiente de troca de bens. Mas a interação entre os agentes econômicos, individuais, empresa e estado se alteram, ou devido às mudanças internas de gerenciamento das próprias organizações, ou porque estão sendo pressionadas por vontades externas ao seu escopo.

Os modelos econômicos são postos em prática em um mercado que é feito por ações individuais. A indústria e o estado são também formados por consciências livres, que ao mesmo tempo influenciam e também provocam influência sobre esses mesmos modelos.

Novos conceitos vão surgindo para explicar todas essas relações e também para explicar o passado e encontrar soluções para o presente, com vistas no futuro. Conforme Adam Smith diria, o futuro pertence à Deus, segundo Keynes, ele é um dos causadores da incerteza e para Hayek, a ignorância inerente em sabê-lo, determina sua impermanência. Enfim, para Schumpeter, está nas mãos do empreendedor o futuro do país. Um único indivíduo pode arrastar outros e modificar definitivamente as condições do presente.

Concluindo, pode ser que as nossas necessidades tenham determinado a troca por um bem que não dispomos, porém, o que desejamos tende a ampliar as nossas requisições e leva-nos a querer mais. A satisfação dessa insatisfação poderia ser chamada de valor agregado ou de lucro? Analisando as atitudes humanas de acordo com esses autores, talvez o mercado capitalista tenha nascido dos nossos desejos e não das nossas necessidades.

Ocasionalmente, pode ser de interesse responder *por que* uma pessoa diz o que diz, mas qualquer que seja a resposta, não nos diz nada sobre se o que se afirma é verdadeiro ou falso (SCHUMPETER, 1964, 1 v.: 32).

### **Agradecimentos**

À Maria Isabel Alvim, diretora da FADEPE da UFJF, pelo carinho e doçura demonstrados no primeiro e último encontro. As portas estão abertas para todos.

Ao meu amigo Aloísio Vieira Marques, por ter aberto a porta onde estava Isabel.

### **Referências Bibliográficas**

AMITRANO, Cláudio Roberto. **O Tratado sobre a Moeda e a Teoria Geral de Keynes: continuidades e rupturas** (IE/ UNICAMP e CEBRAP). Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A008.pdf>. Acesso em: 15 jan 2007.

ARTHMAR, Rogério. **Say, Sismondi e o Debate Continental sobre os Mercados**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A041.pdf>. Acesso em 14 jan 2007.

BUTLER, Eamonn. **A contribuição de Hayek às idéias políticas e econômicas de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

DILLARD, Dudley. **A Teoria Econômica de John Maynard Keynes**. 6. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1989. pg. 3-13.

FERRARI FILHO, Fernando. **As Concepções Teórico-Analíticas e as Proposições de Política Econômica de Keynes**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A015.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2007.

FUCK, Marcos Paulo. **Teoria do desenvolvimento econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico de Joseph A. Schumpeter (resenha)**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção Os Economistas). Atualizado em 10/08/2004. <http://www.comciencia.br/resenhas/2004/08/resenha1.htm>. Acesso em 17 jan 2007.

GANEM, Angela. **Regras e ordem do mercado nas visões de Adam Smith e F. A. Hayek**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A004.pdf>. Acesso em 17 jan 2007.

GARLIPP José Rubens Damas. **Marx, Keynes & Polanyi e a economia desregrada: três contribuições críticas ao mercado auto-regulado**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A145.pdf>. Acesso em 17 jan 2007.

HUNT, E.K. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MATTOS, Laura Valladão de. **As razões do laissez-faire: uma análise do ataque ao 'sistema mercantil' e da defesa da 'liberdade natural' na riqueza das nações**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A005.pdf>. Acesso em 14 jan 2007.

MAZZUCHELLI, Frederico. Senior, Jevons e Walras: a construção da ortodoxia econômica. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 12, n. 1 (20), p. 137-146, jan./jun. 2003.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1961. 329 p.

\_\_\_\_\_. **Diez Grandes Economistas**. Barcelona: JMB. 1955.383 p.

\_\_\_\_\_. **História da Análise Econômica**. Portugal: Editora Fundo de Cultura. 1964, vol. I e II.

SINGER, Paul Israel. **John Maynard Keynes: Inflação e deflação e Michal Kalecki: Teoria da dinâmica econômica**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, pg. VII – XIV.

SZMRECSNYI, Tamás. Idéias Fundadoras. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 1, n. 2, jul/dez 2002, p. 201-224.